

## O DESENHO DO PRODUTO E O DESENHO DO ESPAÇO

Yvonne Mautner  
*Agitprop* 2014

A idéia deste ensaio, é construir relações entre a produção de mercadorias e a produção do espaço urbano. Para isso, explorei as contradições entre as propostas de apropriação coletiva de parcelas do espaço da reprodução – a moradia – relativas às atividades domésticas tradicionalmente incorporadas à moradia, e a re-apropriação individual das mesmas através da utilização de equipamentos domésticos produzidos industrialmente. O movimento modernista alemão mostrou-se um campo fecundo para estudo destas contradições ao se projetar mundialmente através de uma nova linguagem formal tanto para a produção industrial dos objetos como do espaço.

### **A disputa entre o espaço coletivo e a mercadoria no modernismo**

Dos produtos industriais, o que mais diretamente foi associado a mudanças na estruturação do espaço urbano é sem dúvida o automóvel. A moradia como produto industrializado que deveria, como aventavam arquitetos modernistas, ser produzida em série como o automóvel, não chegou a cumprir este destino, devido às peculiaridades de seu processo de produção<sup>1</sup>. Porém, de uma forma bem mais sutil que o automóvel, a industrialização dos equipamentos que povoam o interior da moradia também concorreram para as resultantes espaciais das cidades contemporâneas.

As propostas dos arquitetos do movimento modernista alemão aliaram os resultados do avanço técnico-científico das primeiras décadas do século XX ao projeto de uma nova ordem social, fermentada nos anos conturbados da República de Weimar, dando início em larga escala à industrialização da construção e à racionalização do desenho do interior da moradia. Estruturaram no espaço externo da habitação uma

---

<sup>1</sup>Ball,Michael(1988) Rebuilding Construction; Clarke,Linda (1992); Mautner,Yvonne (1991)

dimensão coletiva<sup>2</sup> do cotidiano que por um lado, deslocava do seu interior algumas atividades e equipamentos<sup>3</sup> (lavanderia, lojas cooperativas, creche, jardim de infância) criando por outro, no exterior das edificações dos novos conjuntos habitacionais, espaços para as atividades esportivas e de lazer (ver em anexo planta de Bruchfeldstrasse e foto de Westhausen).

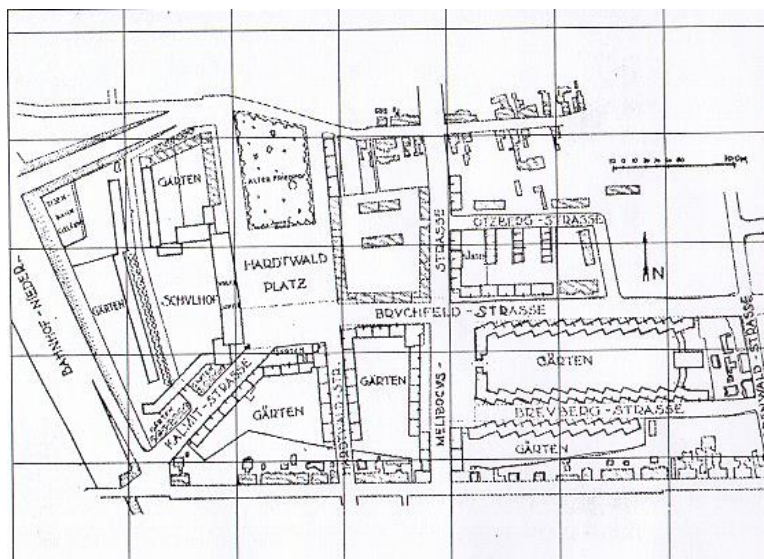


fig 1 Ao centro do conjunto “zig-zag”- Jardim com equipamentos infantis.. Zig-Zag à oeste uma construção que abriga, jardim de infância, creche, centro de saúde, lavanderia com equipamentos elétricos, vento de secagem e a central de aquecimento. No lado oposto à leste, Melbocienstrasse - lojas

<sup>2</sup>”A casa alugada desaloja a casa de família herdada, cessa a domiciliação amarrada a um lugar e começa um novo nomadismo dos indivíduos, favorecido pela rápida progressão dos meios de transporte. Assim como a tribo perdeu suas terras, a família perde sua casa. O poder do laço familiar retrocedeu diante do direito público da cada indivíduo. As condições de produção social permitem que o indivíduo independente troque de lugar de trabalho, por sua livre vontade, a liberdade de locomoção aumenta enormemente. A maior parte das antigas funções da família torna-se presa da socialização gradativa;” Gropius, Walter (1997:147). Artigos de Gropius da década de 30.

<sup>3</sup> O aspirador de pó percorre uma trajetória exemplar, pois nasce como um serviço, ou como um equipamento coletivo, passando a ser posteriormente desenvolvido enquanto produto individualizado: ”Mais eficientes que aparelhos de limpeza manuais eram as máquinas a vácuo, movidas a eletricidade. Estas foram desenvolvidas ao mesmo tempo na Inglaterra e França por volta de 1902. Movidas por eletricidade ou parafina, as máquinas eram grandes e operadas por companhias que as alugavam com os operadores. Os serviços eram utilizados principalmente em edifícios grandes, como lojas de departamentos e teatros, mas eram também ocasionalmente usados individualmente para limpeza doméstica. Uma alternativa à *mobile vacuum plant* era uma instalação permanente com saídas para cada cômodo. Sistemas como este foram instalados no Frick Building em Nova York em 1902 e logo após na Câmara dos Comuns em Londres; instalações permanentes para uso doméstico eram propagandeadas nos Estados Unidos, seu custo porém as restringiu certamente para os muito ricos” Forty (1987):176.



Fig 2 Lavanderia Centro de Westhausen Ungers (1983:108)

O projetar pelo e para um coletivo não foi apenas uma metáfora, os arquitetos envolvidos tiveram de fato seus interlocutores: os sindicatos, que desempenharam um papel importante no delineamento e execução das políticas habitacionais do entre-guerras na Alemanha. Em 1924 o sindicato operário *ADGB*, o sindicato de empregados *AFA-Bund* e o sindicato dos funcionários *ADB* fundaram uma Sociedade Anônima para o Alojamento dos Operários, Empregados e Funcionários: a *DEWOG*, que passa a ser a promotora de operações de habitação social, pública, tendo sido a própria construção assumida por organismos de origem sindical<sup>4</sup> (Kopp,1984:43).

Esta nova dimensão coletiva que se imprimiu na organização espacial de vários dos conjuntos de habitação social implantados por arquitetos modernistas em Frankfurt, Berlim, Stuttgart e outras cidades alemãs, estabeleceu-se paralelamente ao extraordinário desenvolvimento da indústria de bens duráveis no entre-guerras (que se afirmou definitivamente no pós segunda guerra, nos Estados Unidos e Europa)<sup>5</sup>.

<sup>4</sup>*ADGB* (*Allgemeine Deutsche Gewerkschaftbund*), *AFA-Bund* (*Allgemeine Freie Angestelltenbund*), *ADB* (*Allgemeine Deutsche Beamtenbund*) e *DEWOG* (*Deutsche-wohnungfürsorge Aktien Gesellschaft für Beamten, Angestellten und Arbeiter*). Sobre a necessidade de uma nova forma de projetar, tanto no plano social como arquitetônico, consultar o capítulo III de Kopp,1990:42)

<sup>5</sup>No fim do século XX o uso eletricidade já era praticamente compulsória para operar toda uma nova classe de mercadorias, os eletrodomésticos. Em 1913, metade do comércio mundial em produtos eletro-químicos estava em mãos da Alemanha (AEG e Siemens & Halske-Schukert,

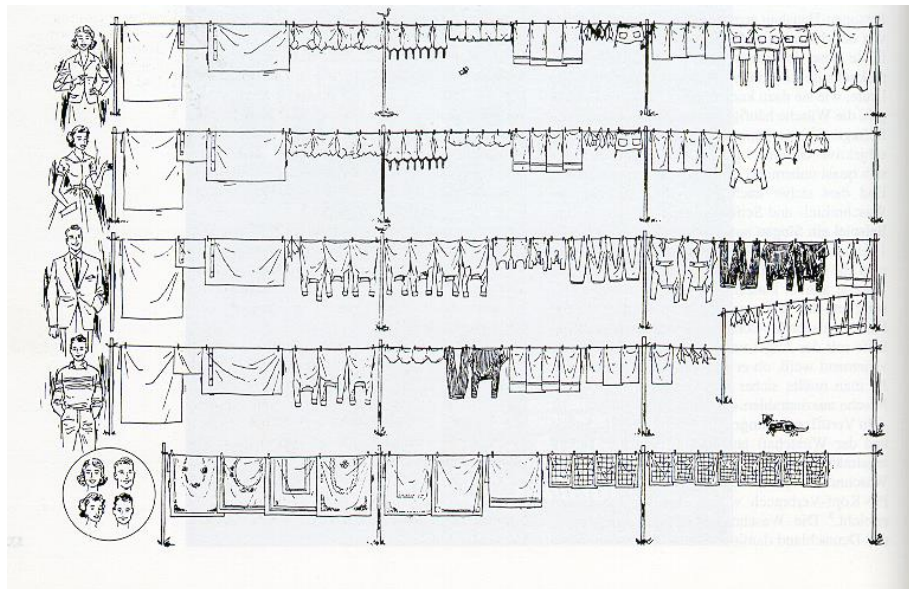


Fig 3 Esquema do volume de roupas a serem lavadas em 04 semanas por uma família modelo: total aproximadamente 25 Kg.

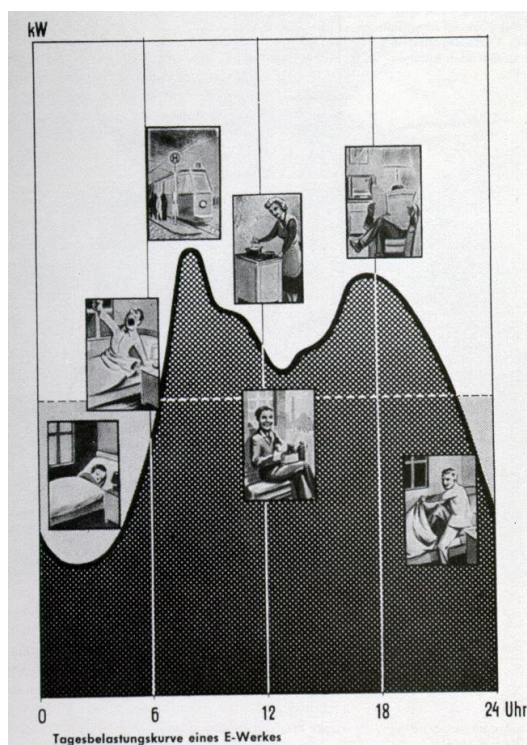


Fig 4 Quadro do gasto de eletricidade cotidiana para orientar o trabalho de difusão de energia de empresas do setor elétrico (Das Paradies..., 1993:23)

que trabalhavam em colaboração desde 1908); a outra metade com os Estados Unidos, na GE (uma associação entre a Thomas - Houston & Edison Co). A generalização do consumo de eletricidade possibilita a difusão dos aparelhos eletrodomésticos, dos quais, por exemplo, o aspirador de pó, que começa a ser difundido nos anos 10, chega a seu desenho mais conhecido, o modelo Hoover 150, (realizado pelo desenhista industrial Henry Dreyfuss para a American Hoover Suction Sweeper Company) nos anos 30. O seu primeiro modelo clássico, na melhor tradição fordista, perdurou de 1916 a 1936, (ambos são ilustrados ao lado, Forty (1987) p:177 e 180).

A difusão destes bens duráveis contribuindo no interior de cada moradia para a simplificação e redução do trabalho doméstico, acabaria por diminuir a importância dos espaços projetados para uma “intensa vida associativa fundada em equipamentos coletivos”. O movimento na direção da “des-domesticação” e coletivização de tarefas caseiras, levando a outra divisão de trabalho entre o homem e a mulher e a novas propostas espaciais urbanas, engendrado ainda no século XIX por utópicos socialistas e por militantes feministas (Hayden,1981) acabou sendo interceptado, pelo processo de generalização da forma mercadoria, isto é, pela gradual predominância dos valores de troca sobre os valores de uso na organização da produção, penetrando também no âmbito da própria reprodução<sup>6</sup>. Parte do trabalho passaria a ser realizado individualmente no interior de cada moradia (resultado do aprimoramento e difusão dos aparelhos e *gadgets* domésticos) e parte passaria, com o tempo, a se constituir em mercadoria comprada no mercado de serviços.

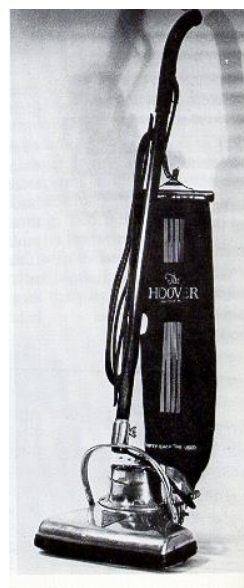


Fig 5 Propaganda de aspirador: trabalho que era realizado por quatro mãos passa a ser feito por uma só (Das Paradies..., 1993:52) e modelo de aspirador de pó Hoover (Forty 1983:177)

Liselotte Ungers (1983) em seu livro “*A procura de uma nova forma de morar, Siedlungen dos anos 20, ontem e hoje*”, relativiza o impacto das novas propostas dos modernistas alemães se comparadas aos arquitetos soviéticos :

“O projeto das plantas das moradias dos conjuntos (*Siedlungen*) modernistas não eram tão revolucionárias a ponto de erigir um ‘novo homem’ para habitá-las. Não se foi tão longe, como na mesma época, os arquitetos e planejadores soviéticos, que de acordo com seu ideário político, queriam reduzir a unidade habitacional a dormitórios e um nicho de cozinhar (*Kochnische*), enquanto todas outras funções como cozinhar propriamente dito, comer, lazer,

<sup>6</sup> Marx, *Capital* Volume 1, The Pelican Marx Library

formação e educação eram retirados da esfera individual e colocados sob responsabilidade social. Desta forma intentava-se preparar o caminho para o socialismo e ao mesmo tempo dar condições de liberar a mulher do trabalho doméstico para incorporá-la ao processo produtivo” (Ungers, Liselotte, 1983:224)

A *cozinha de Frankfurt*, desenhada por Ernst May e Grete Schütte-Lihotzky, “onde os equipamentos de cozinha transformados em produtos industriais farão sua entrada na *habitação mínima* da nova arquitetura” (Kopp, 1990:56), é ao mesmo tempo o desdobramento de experiências anteriores<sup>7</sup> e a instauração de um modelo de cozinha que passará a ser adotado, com variações locais, como solução de projeto universal para a simplificação dos serviços domésticos. E longe de se constituir em um ‘projeto revolucionário’, no sentido das experiências dos arquitetos russos, propõe a fusão de um novo espaço com o potencial de recursos oferecidos pelos novos equipamentos produzidos industrialmente para o interior da habitação (a seguir a ilustração do ‘novo espaço’ e da cozinha de Frankfurt):

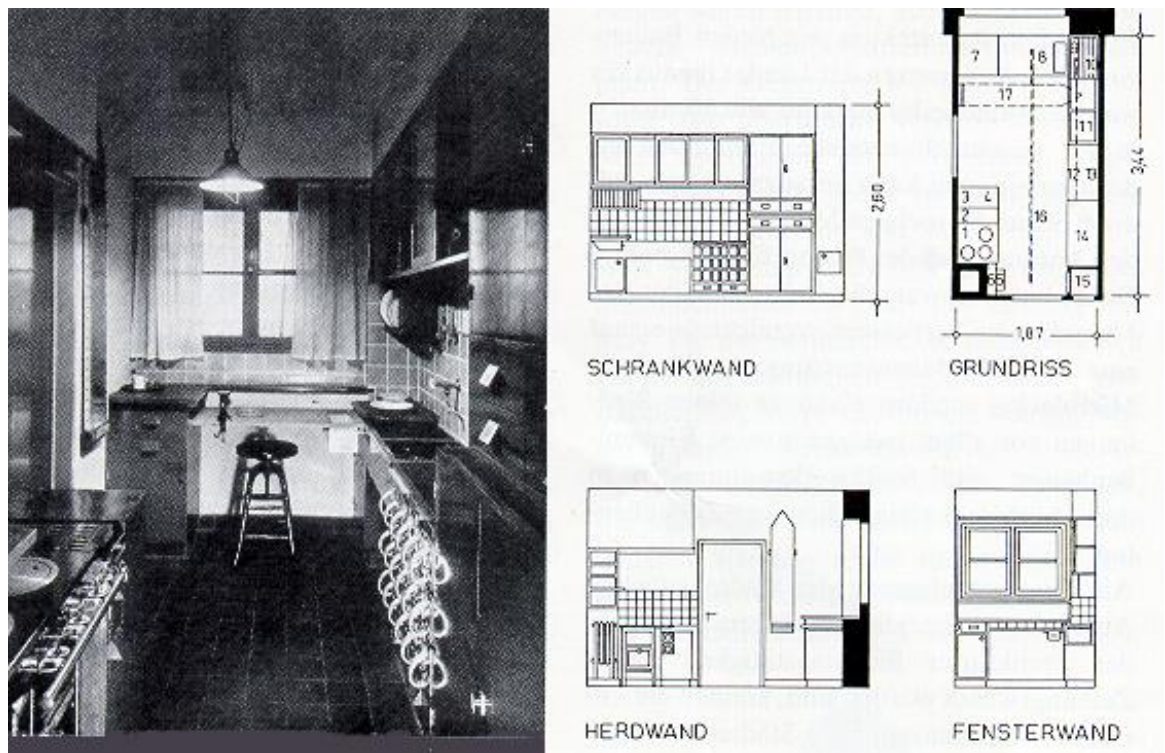


Fig 6 Cozinha de Frankfurt (Ungers 1983:70): Vistas das paredes do armário, fogão e janela; planta.

<sup>7</sup> Como a *Bauhaus Küche*, cozinha projetada para o *Haus am Horn* em 1923, ou a cozinha projetada por Bruno Taut em 1927, ainda como exemplos únicos ou artesanais da racionalização doméstica do trabalho (Kopp, 1990:56). É importante lembrar também a experiência concomitante americana relatada em livro de Christine Fredericks (1921) traduzida para o alemão em 1922 e que serviu como base de pesquisas realizadas na Alemanha para “taylorização” do trabalho doméstico na cozinha.

“No projeto da habitação mínima os arquitetos não se limitaram a reproduzir em dimensões reduzidas as habitações tradicionais, pelo contrário, desenvolveram em parte devido a novas determinações técnicas, uma nova proposta de espaço. Pode-se dizer que eles partiram menos de premissas ideológicas radicais do que de conceitos de igualdade social: “moradia racionada” (*Ration Wohnung*) para todos, procurando enfrentar as limitações materiais através da racionalização da construção, planejamento cuidadoso, estética gestáltica, que respondessem à sua tarefa em seu tempo. Essas habitações exigiram dos moradores mudanças em suas práticas cotidianas - seja devido à nova e desconhecida organização do espaço, seja pela necessidade de mobiliar os pequenos cômodos com móveis leves e modernos em vez dos móveis “burgueses” aos quais estavam acostumados” (Ungers, Liselotte, 1983:224)

Esta ambiguidade resultante da incorporação simultânea nos projetos modernistas de ideais socialistas e dos resultados do desenvolvimento capitalista é discutida por Tafuri, em *Projecto e Utopia* (1985), enquanto parte integrante de uma contradição mais geral na produção intelectual e arquitetônica na Alemanha no período entre-guerras. As *Siedlungen* são consideradas *utopia realizada*, porém alheias aos processos de reorganização global da produção: ilhas ordenadas e organizadas (mortas) em meio à vitalidade da produção de um novo espaço metropolitano. A produção intelectual, por sua vez, estaria permeada pelo diálogo com o capital (abstração tecnológica e sujeito produtivo universal) ou com as massas, (abstração revestida de significado ético). No confronto das forças sociais atuantes no período (socialistas, social-democratas e liberais), convivem projetos coletivos e de expressão individual ou tradicional, e ainda no mesmo período assiste-se ao movimento de incorporação dos princípios socialistas à economia capitalista:

“O contra-ataque capitalista ... assume para si e redefine os elementos fundamentais da estratégia ‘socialista’. Socialismo como acumulação acelerada, reconstrução industrial, intervenção estatal no ciclo econômico, mas sobretudo como defesa do trabalho vivo (...). O *Sozialismus* do grande capital alemão entre 1918 e 1921, garante assim uma relação orgânica, no concreto, com a organização operária, política e sindical. E é inevitável que esta fase seja inexoravelmente abandonada quando, destituído qualquer perigo de organização autônoma a nível operário, o capital possa reassumir diretamente a gestão e a organização social do próprio ciclo”. (Cacciari, Massimo (1972) *Sur probleme dell’organizzazione. Germania 1917-1921*, Marcilio, Padua, in Tafuri, 1985:51).

### **A processo associado de suburbanização e produção em massa nos EUA.**

Nos Estados Unidos, durante a ascensão da ‘cidade capitalista densa’<sup>8</sup>(1870 a 1930), que conjugou, o aumento da concentração da população urbana e constantes inovações tecnológicas, o movimento das ‘feministas materialistas’ (*material*

---

<sup>8</sup> Nesta época feministas materialistas percebem que várias decisões sobre a organização da sociedade futura eram incorporadas no ambiente construído. Por isso, apontavam as transformações espaciais do trabalho doméstico sob controle do movimento como um ponto chave de ligação com campanhas de equidade social, justiça econômica e reforma urbana (Hayden, 1981:10)

*feminists*) viveu sua época mais ativa. As campanhas pelo trabalho doméstico socializado e remunerado (1868) foram concomitantes à promoção pelos arquitetos de espaços urbanos residenciais coletivos nas cidades do Leste através dos primeiros edifícios construídos para as classes alta e média, como também de edifícios modelo, os *tenements*, para os pobres. Hayden aponta em seu livro, *The grand domestic revolution*, (1981) o impacto poderoso dos agentes do processo combinado da suburbanização e da produção em massa sobre as concepções de cidade dos movimentos de vanguarda de urbanistas e feministas, que caminhavam para propostas de re-organização urbana bem distintas da casa isolada nos subúrbios das cidades. O início dos anos 20 assistiu à miniaturização da tecnologia de grande escala desenvolvida para hotéis, flats, restaurantes e sociedades cooperativas de serviços domésticos, que incorporaram à arquitetura equipamentos coletivos como os compartimentos de refrigeração, aspiração de pó, e sua transformação em mercadoria a ser “plugada” em tomadas suburbanas.

Estes movimentos de vanguarda foram desgastados por anos de lutas e perseguições e campanhas de difamação (*red-baiting*) e terminam vencidos pela implantação das políticas habitacionais contidas no Relatório da Comissão Hoover (1931): “*Home Building and Home Ownership*” apoiadas por construtoras, banqueiros e industriais, e que advogava propriedades residenciais suburbanas unifamiliares. Na década de 60 os subúrbios já continham uma porcentagem maior da população urbana nacional que as áreas centrais. Na década de 70, sete em dez famílias moravam em casas unifamiliares (Hayden,1981: 9 e 25), base do consumo individualizado de automóveis e de todos os equipamentos domésticos. Vale a pena citar uma passagem de Kenneth Jackson (1985), relatando como, na recessão entre 1929 e 1933 (onde cai de 95% a produção habitacional), era mantida a visão da casa própria para o povo americano, através das campanhas dos programas hipotecários da *Federal Housing Administration*:

“A ‘casa modelo’, em particular, tornou-se um objeto de marketing popular, especialmente mais para o fim da década. Cada novo loteamento e casa modelo dos subúrbios, geralmente incluía uma casa ideal, escala um para um, repleta com os últimos equipamentos domésticos. Em 1935, a General Electric Company financiou um concurso de arquitetura para uma pequena habitação uni-familiar. Aos 2.040 participantes era requisitado listar os equipamentos da GE a serem incorporados ao projeto; um dos arquitetos propôs 76 aparelhos” Jackson(1985):187.



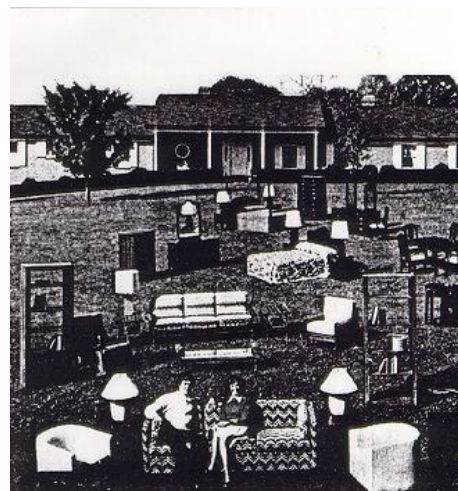
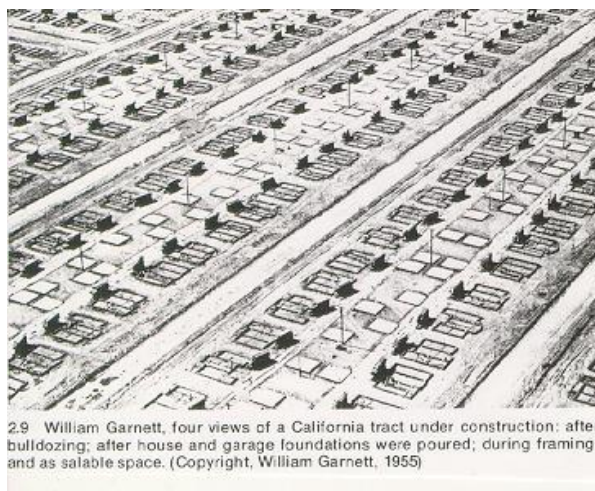


Fig 7: William Garnet, vista de um loteamento em construção na Califórnia após a passagem de bulldozer e da concretagem das fundações, em Hayden (1984):36 (a esquerda). Fig 8: Utopia do modelo de casa unifamiliar e de consumo, em propaganda da Pledge Furniture Sweepstakes, em Hayden (1984):46 (a direita).

O modelo de urbanização americano, de multiplicação de subúrbios, baseado na casa própria, isolada em bairros residenciais, e no automóvel, será a base perfeita para receber a produção acelerada de equipamentos domésticos empreendida pela grande expansão industrial do entre e pós-guerra. A implantação da casa própria suburbana enquanto política nacional de habitação nos Estados Unidos, ofereceu uma idéia do pós guerra I à sociedade do pós guerra II. Parcelamento do preço e dedução de impostos oferecidos pelo Estado a proprietários de casa própria na era do pós guerra II, derrotou históricas aspirações feministas, porém, possibilitou o grande *boom* dos construtores especulativos, dos produtores de eletrodomésticos e de automóveis. As mulheres tendo sido expulsas dos empregos assumidos durante a guerra, passaram para a nova vida de esposas suburbanas contribuindo para o aumento da taxa de natalidade, e o consumo de massa. Empresas construíram milhões de casas unifamiliares, sem cuidados de implantação, de provisão de espaço comunitário ou de participação de arquitetos nos projetos. Estas casas eram verdadeiras caixas a serem entupidas de bens de consumo produzidos em massa (Hayden,1981:23).

### **Capitalismo luterano ou indomado?**

O embate entre uma produção industrial “planejada”, e o livre rolar das forças do mercado, que se materializa na guerra ideológica entre a União Soviética e os Estados Unidos, respectivamente, após a segunda guerra mundial, será um profícuo campo de debates sobre qual deveria ser a amplitude e natureza desta produção.

O interêsse em mencionar esta discussão, mesmo se de forma breve, deve-se ao fato dela não ter repercutido ao longo deste século somente no campo das políticas econômicas, porém dela ter penetrado também no âmbito da formação de quadros

técnicos para a produção de mercadorias e do espaço urbano. O próprio princípio da economia de materiais, do desperdício consumista e algumas premissas dos atuais movimentos ecológicos ligadas à organização da produção, já eram questionados no início do século XX. A discussão se abrigava muitas vezes no confronto entre a “racionalização”, o utilitário (necessários aos projetos sociais) e a “liberdade criadora”, a arte, (refúgio único da expressão individual), mantendo em esferas separadas o princípio modernista de reprodutibilidade e socialização da arte e o da diversificação para a “individualização” do consumo<sup>9</sup>.

Ainda antes da primeira guerra mundial o problema da produtividade industrial era abordado na Alemanha através da racionalização e tipificação dos objetos a serem produzidos em série<sup>10</sup>. Na mesma época, nos Estados Unidos, o problema era colocado de forma diversa: a produtividade era considerada na *totalidade* do processo produtivo, isto é, através das relações entre a organização científica do trabalho na fábrica e a configuração formal do produto. Ford (1863-1947), por exemplo, estudou a cadeia de montagem em função do modelo “T”, e vice-versa, em um processo que resultaria na primeira grande vitória da produção em massa, e por quase um século, permaneceria o epítome do capitalismo “moderno”.

Em 1907 Muthesius (1861-1927) faz a famosa conferência sobre “A Importância da Arte Aplicada” (*Die Bedeutung des Kunstgewerbes*) na Escola Superior de Comércio de Berlim. Nesta época o *Kunstgewerbe* alemão ainda seguia as modalidades formais dos estilos decorativos herdados da tradição e gosto da era vitoriana: neo-egípcio, neo-grego, neo-gótico, neo-chinês, neo-renascentista, etc.

Muthesius atribui os sucedâneos e imitações às “pretenciosas atitudes de *parvenu*” de uma determinada *classe social*, a dos “burgueses melhor situados”, obsecados pelo desejo de “aparentar mais”. Muthesius observa portanto, assim como o fazia também Veblen<sup>11</sup>, os objetos de um novo ponto de vista: associando-os a uma classe; expõe também, na mesma conferência de 1907, implicações de ordem econômico-produtivas: “...gasta-se (mal) antes de mais nada, um colossal patrimônio nacional em matéria prima, agregando-se a ele um trabalho inútil”. Um ano após, Loos (1908) usa praticamente o mesmo argumento para negar a legitimidade a todo objeto decorado:

---

<sup>9</sup>Tafari (198-:79) diz que a *Siedlung Siemensstadt*, em Berlim, planejada por Sharoun, é um exemplo de ruptura do movimento modernista. Se Gropius e Bartning se mantêm fieis à construção do conjunto como cadeia de montagem, aos “blocos” arquitetônicos, os “objetos” de Sharoun e Häring se contrapõem a estes na recuperação da “aurea” benjaminiana nos edifícios por eles projetados para o conjunto.

<sup>10</sup>Riemerschmid, Richard (1868-1957), um dos fundadores do *Deutsche Werkbund*, colabora com seu cunhado Karl Schmidt, marceneiro, no design de móveis para produção industrial. Os primeiros modelos são expostos em 1905 na Exposição de Dresden. *The Penguin Dictionary of Design and Designers* (1984:412), Penguin Books, England

<sup>11</sup>Assim como Th. Veblen (1857-1929) em seu livro “The theory of the leisure class”

“A ornamentação é força-trabalho esbanjada, e portanto saúde mal gasta... Hoje em dia isto significa também material mal gasto e por último, capital esbanjado”<sup>12</sup>.

Discursos similares ao de Muthesius adotam também outros artistas e arquitetos, como Behrens (1863-1940), R. Riemerschmid (1868-1957), Schumacher (1869-1947). Estas e outras adesões fizeram nascer em Munique, em 1907, uma nova associação, o *Deutscher Werkbund*, cuja finalidade era a de estabelecer no trabalho industrial uma contínua colaboração entre indústria, arte e artesanato. Em 1914 Muthesius e Van de Velde tornam-se oponentes no *Werkbund*, o primeiro defendendo a racionalização e tipificação e o segundo “a liberdade criadora do artista”. O conflito entre a desconsideração e a necessidade da norma que disciplina a dinâmica produtiva, entre a *Konstanz* (constância) e a *Veränderung* (mudança) ainda estará em discussão no *Werkbund* suíço em 1954 (Maldonado,1977).

A importância desta discussão, é que seus protagonistas prevêm nela a aproximação de uma encruzilhada no capitalismo moderno:

“a produção industrial apontará para a disciplina ou turbulência do mercado? ela se dirigirá a um aprofundamento controlado ou a uma expansão incontrolada? para uma estratégia de poucos ou de múltiplos modelos de produtos?” (Maldonado,1977:39-45).

O histórico de Maldonado sobre a discussão do início do século, a respeito da hegemonia da técnica ou da arte, da “norma” ou da “liberdade” nos produtos industriais que vão formar a cultura material de uma sociedade, mostra os defensores da racionalização e tipificação como representantes do fordismo europeu, um “fordismo culpado”, ou talvez, um capitalismo luterano, que tornou ambígua a ideologia do produtivismo na Europa. Maldonado, em seguida, compara a ambiguidade das posições alemãs com a objetividade de Ford expressa em *My life and work*, do qual cita:

“Se o plano construtivo de um produto foi bem estudado, as modificações serão poucas..., no entanto, no processo de produção, as mudanças serão frequentes e espontâneas... Para mim é motivo de orgulho que cada peça, cada artigo que produzo seja bem trabalhado, forte, e que não se veja necessidade de substituí-lo. Todo bom automóvel, deveria durar como um bom relógio... No passado sempre namorei com a idéia de um modelo universal”. (Maldonado, 1977:46)

Nos Estados Unidos, no entanto, o Fordismo não sai vencedor na produção capitalista pós 30, menos ainda a defesa da utilidade da função ante o decorativismo, a maquilagem. Ainda nos anos vinte o modelo “T” da Ford começa a sentir a competição da General Motors, mais caro, porém mais ao *gosto* do público. O

---

<sup>12</sup> Quanto a Loos, aqui entrando nas críticas ao *funcionalismo* na arquitetura, Benjamin chama a atenção para uma “nova pobreza” na arquitetura e urbanismo, pegando como exemplo o “reducionismo estético e a proibição formal” de Loos, considerado o arquiteto da *tabula rasa* e do “calvinismo”. Contra esta visão mais formalista da arquitetura modernista ver *Quando o modernismo era uma causa e não um estilo* de Anatole Kopp.

mesmo passa a ocorrer com outros produtos, e vai se transformar em um fenômeno generalizado após a crise de 1929. Diz Maldonado:

“ uma coisa é certa: enquanto antes da crise a indústria americana nos setores automobilístico e de eletrodomésticos estava orientada para uma política de poucos modelos de grande durabilidade, ela se orienta após a crise para uma política de muitos modelos de pouca durabilidade. E se antes da crise a forma dos produtos é concebida respeitando as exigências da simplicidade construtiva e funcional, depois dela sucede o contrário. Trata-se do nascimento do *styling*<sup>13</sup>”.

A expansão do mercado consumidor realizada originalmente através do barateamento propiciado pela repetição de um modelo, acabou por se difundir através de outros artifícios e novas técnicas de sedução mercadológica e produção industrial: o *styling* aparece como o precursor da obsolescência programada, a pesquisa de mercado como o horizonte formal da mercadoria e o *marketing* como o desbravador de novos nichos de consumo.

## **Bibliografia**

- Ball, M. (1988) *Rebuilding Construction: Economic Change and the British Construction Industry*. London: Routledge
- Clarke, Linda (1985) The production of the built environment: peculiar or backward? *Bartlett Internatinal Summer School Proceedings 6*, University College London
- Colucci Jr., José (1988) *O design na era da integração*, Dissertação de Mestrado, FAUUSP)
- Das Paradies kommt wieder*, Museum der Arbeit, Hamburg, 1993:23
- Forty, Adrian(1987) *Objects of desire*, Thames &Hudson
- Gropius,Walter (1997,5ªedição p: 147) *Bauhaus: Novaarquitetura*, Ed. Perspectiva, S.Paulo.
- Hayden, Dolores(1981) *The grand domestic revolution*, MIT Cambridge, Mass; London
- Hayden, Dolores (1984) *Redesigning the american dream*, W.W. Norton & Company, NY, London
- Jackson,Kenneth T.(1985) *Crabgrass Frontier-The Suburbanization of the United States*, Oxford University Press, NY, Oxford.
- Kopp,Anatole(1990) *Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa*, Nobel/Edusp
- Loos, Adolf (1908) *Ornament und Verbrechen* (Ornamento e Delito)
- Maldonado,Tomas (1977) *El diseño industrial reconsiderado*, Coleccion Punto y Linea, Ed G. Gili, Barcelona
- Marx, Karl *Capital* Volume 1, The Pelican Marx Library

---

<sup>13</sup> Maldonado,Tomas(1977) *El diseño industrial reconsiderado*, Coleccion Punto y Linea, Ed G. Gili, Barcelona. *Styling*: cosmética de produto, atividade que permanece na superfície, na pele do produto. A preocupação estética de se separa do resto dos fatores que intervêm na determinação da configuração de um produto industrial: análise de necessidades, factibilidade técnica de produção, disponibilidade de materiais, normas, redução de custo.

Mautner, Yvonne (1999) "A periferia como fronteira de expansão do capital" in Deák, Csaba & Schiffer, Sueli (orgs) *O processo de Urbanização no Brasil*, Fupam, Edusp, São Paulo.

Pamplona, Telmo (1992) *Desenho da Ruptura - Modernidade na Implantação da Indústria, São Paulo 1900-1920* Tese de Doutorado FAUUSP

Tafuri, Manfredo (1985) *Projecto e Utopia*, Ed. Presença, Lisboa

The Penguin Dictionary of Design and Designers (1984), Penguin Books, England

UNGERS, Liselotte (1983) *Die suche nach einer neuen Wohnform*, Deutsche Verlags-Anstalt, Stuttgart